



Textos e livros sagrados: usos, práticas e sentidos

Sacred texts and books: uses, practices and meanings

Rita Mendonça Leite*
Luís Correia de Sousa**

Na história religiosa da humanidade, as «escrituras sagradas» traduzem a memória de uma articulação entre o «ver», o «ler» e o «ouvir». Entre a estatuária egípcia, greco-romana ou mesopotâmica e a literatura védica, bíblica ou corânica existem, antes de mais, diferenças de percepção. A imagem seduz o olhar, impõe-se à comunicação sensorial. O texto exige o esforço da penetração, favorecendo a emergência de comunidades de sentido, grupos humanos que encontram, na história da passagem da oralidade à textualidade, a memória de um trabalho perscrutador dos enigmas da existência humana (Goody, 1977; Debray, 2001; Severi 2017).

A compreensão do texto, enquanto sagrado, tende a ser heterogénea. Não se institui como realidade estanque, nem mesmo no seio dos diferentes universos religiosos onde se impõe como autoridade. Conforme se destaca nos estudos de José Augusto Ramos, a valorização desses textos na sua componente escriturística ou contratual caminha a par da necessidade da sua integração no horizonte da leitura, das leituras – individuais ou comunitárias, privadas ou litúrgicas –, constitutivas de partilhas convergentes ou experiências de divergência e, por essa via, dinamizadoras de partilhas, cisões, ordenamentos institucionais e redes de mediações através das quais as religiões se identificam (Ramos, 2018). As «escrituras sagradas» permitem que determinada experiência religiosa se torne testamento, autorizando a constituição de tradições de leitura em torno de si, e suscitando a sua apropriação literária, plástica, performativa, musical, entre outras (Whitehouse, 2000; Hermand et al., 2014).

O estatuto hermenêutico dos textos sagrados, nos seus vários âmbitos, permite-nos, portanto, abordá-los simultaneamente como unidade(s) e pluralidade(s) que potenciam a composição de diferentes estratos de construção discursiva – semânticas explicativas, justificativas, inclusivas, exclusivas – e a fundamentação diversificada de universos do agir. Simultaneamente, a natureza e funcionalidade do papel dos textos sagrados, enquanto instrumento de transmissão da mensagem religiosa, partindo de procedimentos de uniformização e canonização, fundamentam processos de fragmentação, resultantes

* Doutora em História e Cultura das Religiões pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Portugal). ORCID: 0000-0003-2344-0554 – contato: ritamendoncaleite@ucp.pt

** Doutor em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Portugal). ORCID: 0000-0002-5672-6746 – contato: luis.sousa@fcsh.unl.pt

de debates prolongados sobre as problemáticas da legitimidade e da autenticidade. Autores como António Matos Ferreira chamam a atenção para o modo como a natureza desses vínculos nos remete para o problema do poder, uma vez que aqueles textos, por via da autoridade que lhes é atribuída, participam na definição de eixos de estruturação comunitária e social, circunstância que os coloca necessariamente em situação de concorrência com outras fontes de autoridade e de legitimação (Ferreira, 2012; Patlagean e Le Boulluec, 1990).

A natureza inquieta e insatisfeita do ser humano, nos nossos dias como no passado, motiva a incessante procura de sentido para a sua existência, da consciência de si próprio e do seu lugar na complexidade do universo criado. Não lhe bastam os textos e livros sagrados é preciso o seu contínuo revisitamento, na procura da sua génese ou na indagação dos múltiplos sentidos da palavra escrita. No quadro das múltiplas modernidades, os textos e livros sagrados continuam a ser um laboratório de criatividade social, em diferentes registos: clivagens ideológicas, logocracias, ritualidades, práticas de rememoração e tradução, novos suportes de transmissão, itinerários de patrimonialização, glosas e paródias, etc. (Pace, 2008; Teixeira, 2015). Talvez hoje, mais do que em qualquer outro período da história humana, essa inquietude encontre razões para justificar a emergência de novas correntes religiosas e espirituais que visam abrir novos caminhos sobre o presente e futuro da humanidade, num contexto civilizacional marcado por imprevisíveis avanços científicos e tecnológicos, que parecem remeter o ser humano para um lugar quase secundário. Este dossiê temático acompanha alguns desses caminhos, alguns com raízes profundas, outros com ramificações surpreendentes.

Dilip Loundo trabalha a secção final dos textos sagrados do hinduísmo – os Upanisads – e, nesse contexto, a noção específica de *avidyā* ou Ignorância, que analisa minuciosamente como conceito heurístico de destacada funcionalidade epistémica e soteriológica no âmbito da filosofia indiana. Partindo das obras comentariais do Śa karācārya, filósofo da escola Advaita Vedānta, o autor procede à decomposição das dimensões «objetiva» (dita macrocómica) e «subjéctiva» (dita microcómica) do conceito de Ignorância, perscrutando o seu sentido e abrangência e refletindo sobre as funcionalidades pedagógicas e epistemológicas daquela noção na soteriologia dos Upanisads.

Vanderlei Dorneles procura enquadrar as origens de Génesis 1 num contexto mais alargado do que apenas no mito babilónico de Enuma Elish, posto em destaque em finais do século XIX por Herman Gunkel. A existência de narrativas criacionistas em distintas culturas, como sublinhado por Dorneles, aponta para a existência de uma herança cultural anterior ao período de exílio na Babilónia, responsável pela emergência dos diversos mitos. A descoberta, em 1928, da antiga cidade portuária de Ugarite, actual Ras Shamrah, e de um vasto espólio de documentos escritos, placas de argila com escrita cuneiforme, contendo registos de natureza diversa, entre os quais narrativas de carácter religioso e mitológico, que contribuíram para a reabertura da discussão em torno do tema da Criação que abre o Génesis, devido a algumas proximidades entre os dois relatos, e de possíveis relações com outros livros bíblicos. Diferentes testemunhos apontados pelo autor convidam à abertura de novas perspetivas para a compreensão dos processos de migração, assimilação e transmissão de narrativas mitológicas, contando com o contributo da Semiótica da Cultura.

Luís Henriques Fernandes propõe-se apresentar o estado da questão relativamente à discussão sobre as fontes textuais de que se socorreu João Ferreira de Almeida para a sua tradução da Bíblia para português, conhecida, precisamente, como a “Bíblia de Almeida”, procurando justificar o seu entendimento de que a referida obra se trata mais de “uma abstração”, resultante das múltiplas edições e revisões, do que um “texto estabilizado”. Embora a problemática não tenha sido cabalmente clarificada – e talvez nunca o seja –, o estudo sintetiza um conjunto de perspectivas que poderão servir de base a futuros trabalhos, consolidando o conhecimento acerca da tradução de Almeida e do seu valor no quadro do património literário e religioso de língua portuguesa.

Contextualizando o papel do estudo dos textos sagrados no âmbito da estruturação da ciência da religião, Fábio L. Stern propõe-se desenvolver uma análise no âmbito da problemática da bruxaria moderna tomando como objeto uma divindade cultuada na Wicca e na stregoneria – a deusa Arádia –, estudada por via empírica, a partir de um texto fundador. Partindo da definição de ferramentas concetuais essenciais e da contextualização histórica da problemática, o autor analisa o modo como o texto *Arádia: o evangelho das bruxas*, de Charles G. Leland, foi fundamental para a estruturação daquelas formas de bruxaria e do neopaganismo, atentando às suas características formais, ao seu processo de composição, à análise das correntes que influenciam a composição da obra, e à sua receção e operacionalização no seio daqueles universos religiosos.

Suellen Cordovil Silva e Enéias Farias Tavares desenvolvem uma análise do processo de (re)composição do tarô na narrativa gráfica *Promethea*, criada por Alan Moore e J. H. Williams III, atentando no potencial espiritual daquela criação artística e imaginativa, tanto na sua componente discursiva quanto simbólica. Procedendo a uma revisão do imaginário do tarô nas obras de Alan Moore, os autores focam-se na análise pormenorizada do capítulo 12 de *Promethea*, tomando as formulações das cartas de Tarô ali utilizadas como objeto histórico, cultural, artístico e religioso, situando-as na comparação com outras formulações e representações materializadas noutros baralhos utilizados no mundo ocidental, assim situando e colocando em perspectiva as dimensões esotéricas da narrativa daqueles criadores.

Referências

DEBRAY, Régis. Dieu, un itinéraire : matériaux pour l’histoire de l’Éternel en Occident. Paris: Odile Jacob, 2001.

FERREIRA, António Matos. O largo espectro das religiões no percurso da etnicidade à globalização (perspetivas de investigação). *Lusitania Sacra* v. 25, Lisboa, p. 11-17.

GOODY, Jack. *The Domestication of the Savage Mind*. Cambridge University Press, 1977.

HERMAND, Xavier; RENARD, Etienne; VAN HOOREBEECK, Céline (Org.) – *Lecteurs, lectures et groupes sociaux au Moyen Âge*. Turnhout : Brepols, 2014.

PACE, Enzo. Racontare Dio: La religione come comunicazione, Bologna: Il Mulino, 2008.

PATLAGEAN Évelyne ; LE BOULLUEC, Alain (Org.). Les retours aux Écritures : Fondamentalismes présents et passés. Louvain, Paris: Peeters, 1990.

RAMOS, José Augusto. Semânticas de mediação divina em matriz pré-clássica. In: CARDOSO, João Luis; SALES, José das Candeias (Org.), In Memoriam: Estudos de homenagem a António Augusto Tavares. Lisboa: Universidade Aberta, 2018, p. 25-39.

SEVERI, Carlo. L'objet-personne : une anthropologie de la croyance visuelle. Paris : Éditions Rue d'Ulm, Presse de l'École Normale Supérieure – Musée du Quai Branly, 2017.

TEIXEIRA, Alfredo. Um mapa para pensar a religião. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2015.

WHITEHOUSE, Harvey. Arguments and Icons: Divergent modes of religiosity. Oxford: Oxford University Press, 2000.